

## Cultural e Jornalismo Literário: Livro-reportagem reportagem Experimental<sup>1</sup>

Cristiane Naiara Araújo de SOUZA<sup>2</sup>

Luiza Elayne Azevedo LUÍNDIA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Manaus ó AM

### RESUMO

No presente trabalho, pretende-se apresentar/argumentar sobre o Livro-reportagem como produto da convergência entre Jornalismo Cultural e Jornalismo Literário. A escolha baseia-se num questionamento primeiro acerca do “fazer jornalístico”, em termos de construção linguageira das produções de jornalismo cultural. É necessário ainda perceber o papel da instituição/empresa na escolha das pautas, de forma a se propor transformação nesse sentido. A partir de uma abordagem experimental, será possível uma leitura crítica dos produtos culturais, aos moldes do jornalismo literário e na perspectiva de grande reportagem. Com isso, espera-se um adentramento teórico a respeito da aproximação entre Gêneros Jornalísticos, visto que é o ponto central da problemática aqui engendrada.

**Palavras-Chave:** Livro-Reportagem. Jornalismo Literário. Jornalismo Cultural, Gêneros Jornalísticos.

### Introdução

O texto em Jornalismo Cultural é mais subjetivado, mais fluido e mais livre das amarras do que se produz em *hard news*, no resto do jornal, quando se fala em imprensa diária e não especializada.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT1 ó Jornalismo, GP1 ó Gêneros Jornalísticos, no IX Congresso de Ciências da Comunicação, realizado de 02 a 07 de setembro de 2010, em Caxias do Sul (RS)

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas, petiana egressa e colaboradora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social - GEPECS da Ufam. E-mail: [criss\\_nicegirl@hotmail.com](mailto:criss_nicegirl@hotmail.com)  
Universidade Federal do Amazonas ó Manaus, AM.

<sup>3</sup> Jornalista. Doutora em Ciências Ambientais, professora do DECOM/Ufam. Tutora do Programa de Educação Tutorial de Comunicação Social (PETCOM) e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social (GEPECS) da Ufam. E-mail: [luindia@uol.com.br](mailto:luindia@uol.com.br)

Últimos anos, o jornalismo cultural vem mais e mais assim, coletâneas de ensaios de críticas são mais corriqueiras, bem como projetos de reportagem feitos diretamente para o formato de livro. Ele se encontra, nessa tangente, com outro modelo do fazer jornalístico: o *Literário*.

Essa liberdade em termos de expressão lingüística e textual só é permitida ao Jornalismo Literário, ao buscar em sua essência potencializar os recursos jornalísticos, ultrapassando os limites do cotidiano e da burocracia do *lead*. Possibilita, com isso, visões mais extensas e intensas da realidade, por meio da profundidade que permite aos relatos. Dessa forma, Pena (2008) diz ser preciso fugir do *lead*, por meio da aplicação de técnicas literárias de construção narrativa.

Para Pena, é sensível, assim, a complementação de *modus operandi* entre as duas especialidades, nos cadernos culturais, o que já existiu nos primórdios da prática do Jornalismo Cultural, inclusive no Brasil, quando escritores eram convidados a fazer as críticas literárias, escrever as crônicas e os artigos; em síntese, usar da linguagem própria, herdada da literatura, como instrumental.

Existe um modelo que cabe nos objetivos da abordagem aqui pretendida: o livro-reportagem, nascido, geralmente, como extensão da reportagem, com o nome genérico de grande reportagem. Neste caso, em particular, parte-se de uma necessidade do Jornalismo Cultural de incorporar os elementos inerentes ao Jornalismo Literário. Esse processo não convencional pode ser resultado uma notícia que se desenvolve, transformando-se numa grande reportagem. Há duas causas prováveis para isso: o grande impacto da notícia no sistema social e uma provável falha na cobertura factual.

Todos os procedimentos utilizados na elaboração do livro-reportagem têm como pressuposto o trabalho do repórter, garantindo-se a natureza jornalística do produto.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO, COMUNICAÇÃO E GÊNEROS**

De acordo com Rüdiger (2004), a integração empresarial ao sistema da indústria cultural e à conversão do público leitor em consumidor de informação sobre atualidades foi um marco criador de possibilidades às novas formas de apresentação jornalística. Testemunha-se, portanto, uma reconfiguração social que respinga seus moldes, seus caracteres norteadores e suas definições subjetivas ao jornalismo. Nesta ótica, o leitor se

sição. O jornalista, por sua vez, aceita consternado o tal.

No entanto, é evidente, em certos temas, haver necessidade de sua produção textual extrapolar o caráter noticioso, de modo a organizar um texto mais analítico, interpretativo e crítico. Para Bourdieu (1997), a participação dos intelectuais está situada num campo incerto entre o campo jornalístico e os especializados (literário ou filosófico etc.), tem-se, então, o jornalismo especializado.

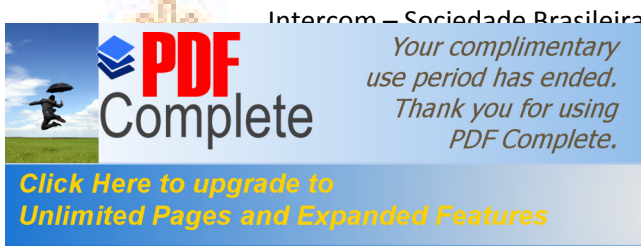
Sob a perspectiva de Melo (2003) e Bourdieu (1997), essa liberdade precisa ser a maior preocupação do jornalista. Defende-se o jornalismo literário e o jornalismo cultural críticos e conscientes; entretanto, não se abre mão da simplicidade da forma, da adequação do conteúdo, resumindo-se isso à preocupação em abranger o a pretensão das empresas jornalísticas o o maior número de leitores e, por conseguinte, *entendedores*.

Inicia-se, no tocante à tipificação jornalística, com uma frase de *Fraser Bond*, ao sintetizar nas principais razões da atividade jornalística: informar, interpretar, orientar, entreter:

... Ao lado do *jornalismo informativo* (que assegura a informação ao povo) e do *jornalismo opinativo* (que tem a procurado influenciar o homem), temos, na descrição de Fraser Bond, duas outras categorias: o *jornalismo interpretativo* (que faz a explanação das notícias) e um *jornalismo de entretenimento* (que comenta os aspectos pitorescos da vida cotidiana). (MELO, 2003, p. 28).

Segundo Melo, partindo dessa divisão do jornalismo, tem-se que a natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade [...] foram relegadas ao segundo plano, quando não completamente abandonadas. (2003, p. 35). Corroborando com a proposição do autor, adentra-se no campo de convergência entre cultura e literatura, como tema e ferramenta do jornalismo, respectivamente.

O autor mencionado propõe, com base em estudos alemães, franceses e ingleses de gênero jornalístico, sua própria classificação. O autor dividiu os gêneros segundo o teor e a proposta, classificados dentro de modelos informativos e opinativos. Nota,



caráter informativo; já editorial, comentário, artigo, carta são classificados como produções opinativas.

Cada um dos tipos supracitados tem uma definição singular. Isso assegura sua proposta e seu espaço no interior do jornal. De modo didático e simplificado, o mesmo autor define a nota ãcomo um relato de acontecimentos em processo de configuração [...], a notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo socialö (p. 66). Enquanto, segundo Melo (2003), a reportagem é o relato ampliado, o qual produziu alterações percebidas pela instituição jornalística. Verifica-se que a diferença está alicerçada em termos de profundidade do relato, de acordo com a sua configuração no interior da sociedade.

Em termos de opinião, Melo (2003) pontua algumas diferenças, ainda de forma genérica; assim o comentário, o artigo e a resenha têm autoria definida e explicitada; já o editorial não tem autoria, divulgando-se como espaço da opinião institucional, em que a autoria corresponde à instituição jornalística.

ãA coluna e a caricatura emitem opiniões temporariamente contínuas, sincronizadas com o emergir e o repercutir dos acontecimentos. A crônica e a carta estruturam-se de modo temporalmente mais defasadoö (Melo, 2003, p. 66). Tem-se, portanto, uma tipificação do conteúdo diário dos jornais. É claro que uns aparecem mais que os outros, nuns jornais e não em outros, dependendo do contexto local, do tamanho da empresa e da relevância que se dá a cada um deles.

Numa leitura mais atualizada e completa sobre gêneros, Seixas (2009) propõe um quadro teórico baseado nas identidades discursivas envolvidas nas etapas de elaboração, produção e edição do material jornalístico. Dessa forma, esclarece o entendimento acerca de todas as forças determinantes e influenciadoras desse fazer, que, a despeito disso, não se tornam evidentes para o leitor.

Seixas realizou pesquisas nos principais periódicos do Brasil, da França e da Espanha. Suas constatações baseiam-se em estudos das classificações de gênero mais conhecidas, na teoria de Análise do Discurso (AD) e na Pragmática, por exemplo.

A autora afirma que o editorial é o único dos gêneros de fato opinativo. ãEste é o único tipo de composição de instituição jornalística que se poderia chamar

co opinativo. Apenas no editorial, o enunciador e o curso: a instituição jornalística [IJ]. (Seixas, 2009, p. 03). É possível compreender tal argumentação ao se observar o evidente salto qualitativo na noção de gênero [a partir da identificação de todos os enunciadores do discurso], através do quadro 1, elaborado pela citada autora:

**Quadro 1: Gênero Por Identidade Discursiva**

<b>GÊNERO/ IDENTIDADE DISCURSIVA</b>	<b>SUJEITO COMUNICANTE</b>	<b>LOCUTOR</b>	<b>ENUNCIADOR</b>
<b>NOTÍCIA</b>	OJ (chefe de reportagem, editor, repórter, redator, agência de notícia)	IJ (s) + Jornalista	Jornalista + IJ ou outra IJ
<b>NOTA</b>	OJ (chefe de reportagem, editor, repórter, redator, agência de notícia)	IJ (s)	IJ ou outra IJ
<b>REPORTAGEM</b>	OJ (chefe de reportagem, editor, repórter, redator)	Jornalista + IJ	Jornalista + IJ
<b>BOLETIM DE AGÊNCIA</b>	OJ (agência de notícia)	IJ	Outra IJ
<b>INFOGRÁFICO</b>	OJ (editor, repórter, redator, <i>designer</i> gráfico)	Jornalista + IJ	IJ ó equipe (outra OJ)
<b>ANÁLISE</b>	OJ (chefe de reportagem, editor, repórter, redator, agência de notícia)	Jornalista + IJ	Jornalista
<b>ENTREVISTA</b>	OJ (chefe de reportagem, editor, repórter, redator)	IJ + Ator Social Especialista + Jornalista	IJ + Ator Social Especialista + Jornalista
<b>ARTIGO</b>	Ator Social Especialista + OJ	Ator Social Especialista + IJ	Ator Social Especialista
<b>COLUNA</b>	Colunista (jornalista ou Ator Social) + OJ	Colunista + IJ	Colunista



Your complimentary  
use period has ended.  
Thank you for using  
PDF Complete.

Click Here to upgrade to  
Unlimited Pages and Expanded Features

	(a) + OJ	Crítico + IJ	Crítico
<b>EDITORIAL</b>	OJ (editorialista, direção, editor-chefe)	IJ	IJ
<b>CARTA</b>	Ator Social + OJ	Não há + IJ	Ator Social
<b>CRÔNICA</b>	Ator Social Especialista + OJ (Brasil, França) ou OJ (Espanha)	Ator Social Especialista (Brasil e França) e Jornalista + IJ (Espanha)	Ator Social Especialista (Brasil e França) e Jornalista + IJ (Espanha)

Legenda: OJ=Organização Jornalística; IJ=Instituição Jornalística; e ( )= Possibilidade de existir ou não.

Fonte: Seixas (2009).

## JORNALISMO CULTURAL

Desde o início da atividade jornalística houve interesse pela Cultura, seja no sentido de aproveitá-la em seu modo constitutivo ou no tocante à problematização/crítica de seus sujeitos e produtos. Ele está situado, conforme Segura, Golin e Alzamora (2008), numa zona heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos ou de mera divulgação dos campos das artes, das letras, das ciências humanas e sociais, envolvendo a produção, a circulação e o consumo de *bens simbólicos*<sup>4</sup>.

Piza mostra como se iniciou o processo de afirmação desse gênero jornalístico, resumidamente:

... O jornalismo cultural, dedicado à avaliação de idéias, valores e artes, é produto de uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutenberg em 1450) e o Humanismo se propagara na Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França. (2008, p. 12)

<sup>4</sup> Ações, objetos e expressões significativos de vários tipos - em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. Por estarem inseridas em contextos e processos sócio-históricos e específicos, estes são estruturados de diversas maneiras: relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. (Thompson, 1995).

suas construções subjetivas e coletivas sempre foram matéria do jornalismo. Nesse processo, Segura, Golin e Alzamora (2008) concordam que o jornalista faz uma triagem dos produtos culturais, atuando como um filtro e produzindo perspectivas parciais sobre a cultura de seu tempo. Essa parcialidade significa priorizar a divulgação dos produtos e relegar a um segundo plano ou praticamente ignorar certos processos culturais.

No Brasil, Piza (2008) situa a força do jornalismo cultural iniciada no final do século XIX; quando nasceria o maior escritor nacional, Machado de Assis (1839-1908). No século XX ganhariam espaço as publicações voltadas à nova corrente literária, com a efervescência cultural advinda da Semana de Arte Moderna, nos idos de 1922. O modernismo paulista teve na linha de frente a revista *Klaxon* título que significa “buzina” e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Victor Brecheret<sup>5</sup>.

## A “EMPRESA” ENTRE O COMERCIAL E A REDAÇÃO

Atualmente, corroborando com a discussão aqui proposta, é possível constatar em que se transformaram as páginas dos cadernos culturais, perpassadas por essa concepção tão jovem do presente “pós-moderno” que, de tão efêmero, deixa tudo para depois, num quase “pós-jornalismo-cultural”. Configurando-se, nesse campo, critérios de relevância, gosto e valor, influenciadores do consumo social. Assim, Marshal define:

... Uma cultura que já vem pronta para o consumo. O locus pós-moderno instala no hábitat natural uma cultura híbrida, paradoxal e universal, mais profunda que a cultura ambivalente da modernidade. Essa mutação, simbiose da própria natureza humana, determina os conceitos e os significados de uma era sem nome (2003, p. 16).

<sup>5</sup> Foram três dos principais entusiastas da Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922. Oswald de Andrade e Mário de Andrade destacaram-se nas letras, com poesia, romances e dramaturgia. Victor Brecheret destacou-se como escultor. Oswald de Andrade de 1912 e 1915 já são o prenúncio do que inventaria o movimento “Pau Brasil” produto da cultura européia e nacional. Mário de Andrade fez parte do grupo da Revista *Klaxon*, com poesia, crítica literária e música e sua obra mais conhecida é “Paulicéia Desvairada”. Victor Brecheret realizou uma exposição de suas obras no saguão do Museu de Arte Moderna durante a Semana de 22 e foi premiado com a obra “*Mise au Tombeau*” (Chateaubriand, 1972).

nevrálgicos da problemática aqui iniciada, Marshal, tendo a respeito da cobertura das notícias ditas mais sérias, as quais necessitariam de maior investigação e mais profundidade no adensamento do tema, foi trocada por notícias de entretenimento, com maior efeito sobre a audiência e menores custos para a empresa. Isso ocorre frequentemente nos cadernos que seriam dedicados à cultura, sendo possível constatar que são os mais atingidos pelo jogo entreter-vender-entretar.

Nesse ponto, para Rüdiger, produção cultural deixa de ser sinônimo de criações artísticas e literárias, ãenglobando a partir de então o conjunto da atividade econômica. O movimento da indústria cultural como um todo processa o conceito que os bens de consumo adquirem no mercado. (2004, p. 26). Desse modo, a pauta gira em torno dos eventos, dos espetáculos, dos *best-sellers*, dos *block busters*, enfim, dos lançamentos da indústria cultural.

## O RESGATE DA EXPRESSÃO LITERÁRIA NO JORNALISMO

Quando se fala em Jornalismo Literário, a definição é uníssona, pois a chamada Literatura não-ficcional nos permite um casamento entre um e outro, uma junção quase simbiótica entre a forma de fazer jornalística e a forma de expressar literária. Diz respeito não ao fato reportado, mas ao modo como reportá-lo, somente dessa forma é possível compreender o jornalismo literário a partir da seguinte definição de Felipe Pena:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (2008, p. 13).

Marcelo Bulhões (2007), autor do livro *Jornalismo e Literatura em Convergência*, faz uma leitura com foco na zona de convergência entre jornal e letras, onde se delineiam um percurso de marcas históricas e contornos discursivos que precisavam ser avaliados e cobertos de algum esforço de teorização: as categorias da factualidade e da ficcionalidade.



o literário fica assim definido, segundo Pena (2008): para o período da História do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, se refere à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística.

O gênero literário, quando aplicado ao Jornalismo, reside no modo de construir o texto utilizando-se de elementos literários. Isso não dispensa, no entanto, a pragmática própria do jornalismo, como a pesquisa, as entrevistas, a coleta de dados, em resumo, a tarefa da reportagem em si, conforme argumenta Chaparro (2000), a respeito da produção. Ele faz recomendações sobre a coleta de dados numa reportagem, a precisão, a checagem de informação e o tratamento de personagens.

Em síntese, a grande reportagem é evidenciada como propulsora das possibilidades de exceder os limitados modos tipificados nas empresas jornalísticas. Para tanto, cabe ao jornalista um aprofundamento conceitual, contextual e ético das questões concernentes à feitura da grande reportagem. Quanto mais *“poderes”* [entenda-se como o privilégio de exploração do tema], maiores serão as responsabilidades técnicas e éticas.

## A GRANDE REPORTAGEM

É necessário, a princípio, verificarmos o porquê da existência e da necessidade da grande reportagem. Esta primeira explicação é encontrada no cerne da própria prática jornalística, como coloca Pena, em *Teoria do Jornalismo*: “o procedimento jornalístico contemporâneo, com excesso de fontes e fatos apurados, está preso aos operadores de atualidade”. (2008, p. 82). Configura-se numa prática refratária ao passado e ao futuro, buscando a novidade como princípio absoluto, e diminuindo, com isso, o espaço para a contextualização.

Sendo a forma clássica de apresentar o Jornalismo Literário a elaboração de grandes reportagens em tom ficcional e estilo literário por meio de livros-reportagem. Nesse tênue campo de convergência de gêneros, é permitido ao Jornalista o diálogo com

ativação em relação ao objeto reportado, mas sempre analísticos.

Lima (2009) define que o objetivo do livro-reportagem, como uma linha experimental, é focar esse panorama em movimento dramático e oferecer uma leitura aprofundada não tanto no plano horizontal quanto no vertical e da contemporaneidade, dissecar sistematicamente o real. (p. 344). A Grande Reportagem configura-se numa abordagem multiangular para uma compreensão da realidade que ultrapassa o enfoque linear, o que faz a abordagem ganhar contornos sistêmicos para o estabelecimento das relações entre as causas e as consequências em torno de um problema.

Aí se revela o papel do jornalista como leitor da contemporaneidade, sendo, por assim dizer, capaz de aprofundar-se e avançar sobre o estacionário caráter do jornalismo do dia-a-dia. Para Lima (1993), o livro-reportagem avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística.

Segundo o citado autor, não se desqualifica a informação rápida, com proporcionalidade direta com o factual, por outro lado, presume-se que, em determinados casos, haveria de ter um tratamento profundo, considerando-o não um amontoado de matérias em *suíte*, mas uma abordagem mais totalizante. Não se pretende aqui afirmar, com leviandade, o fato de a grande reportagem abranger a totalidade dos fatos e conteúdos. Infere-se que a mesma se configurou como uma visão mais completa da realidade reportada, baseada na efetiva problematização, autoria e vieses de adentramento qualitativo.

Entretanto, de acordo com Erbolato (2006) a força motriz do jornalismo diário é marcada, nas redações, por lutas não... contra o tempo e o espaço e procurando vencer a trajetória dos ponteiros através dos mostradores do relógio, deve o copidesque selecionar e condensar textos das várias procedências, adaptando-os a um espaço predeterminado. (p. 91). Essas lutas, travadas a cada pauta, trazem à tona a função social do jornalismo, informar para formar opinião.

Indaga-se sobre o tempo de apuração e as informações de que se dispõe nesse ínterim; se seriam suficientes para a formação de, ao menos, a sua própria opinião sobre o

...vive a justificativa mais catedrática para os erros da  
...ão.

O artigo de Moraes, "Reportagem e Livro-Reportagem no Brasil", esclarece o modo brasileiro de reportar em não-periódicos: torna-se essencial buscar as origens da reportagem no início do século 20, lembrando a importância germinal de *Os Sertões* (gênero híbrido), como possibilidade de novo tratamento jornalístico (Moraes, 2004). Ela também fala da importância de João do Rio nas suas crônicas urbanas, utilizando diferentes formas de captação, estilo resguardado até a atualidade, pelos Jornalistas que enveredam por esse caminho.

Percebe-se um ponto negativo desse fazer qualitativo quando o jornalista se dota do poder de um investigador em busca de outras explicações mais centrípetas. É nesse ponto que o cuidado deve ser redobrado: quando mais informações, falas, argumentos ele tiver, mais poderá moldá-los ao seu *bel prazer*. Torna-se um quase *super-homem*, dotado de poder sobre a condução do trabalho, seu ponto-de-vista, seu foco. Dessa forma, ele busca subsídios em seu modo de ver o mundo, sua *ideologia*<sup>6</sup>, seus constructos.

Numa outra perspectiva sobre o lugar do livro-reportagem na realidade social, define-se uma diferenciação entre ele e a própria História. Na visão de Lima (2009), ele não se confunde com o trabalho da história, porque seu veio central é a contemporaneidade, mergulhando no passado apenas para compreender com maior elasticidade as causas dos conflitos presentes originados no tempo que já flui, em duração curta, breve ou longa. E tampouco se confunde com a história, porque, ao contrário desta, pode o livro-reportagem escapar do passado, embora mergulhe nele. Focaliza o presente, mas também avança ao futuro, antecipando a continuidade do atual, mediante seus desdobramentos, no que virá a ser.

A escolha do modo como reportar é de certa forma, interessante, pois se trata de temas culturais sob uma abordagem literária, permitida pelo modo de fazer do *New Journalism*. Assim surge o perfil humanizado, que se caracteriza pela abertura e proposta de compreensão ampla em vários aspectos, do histórico de vida ao

<sup>6</sup> É nesse sentido que a interpretação da *ideologia* possui uma conexão intrínseca com aquilo que se pode chamar de crítica da dominação: ela está metodologicamente predisposta a estimular uma reflexão crítica sobre as relações de poder e dominação. Essa é uma das razões por que a interpretação da ideologia pode fazer surgir fortes reações da parte de algumas pessoas que compõem o mundo social (Thompson, 1995).



aceitoso (Lima, 2009, p. 92-3). Em síntese, o Livro-  
to, no entanto, mais trabalhoso de fazer jornalismo.

## PROPOSTA: O LIVRO-REPORTAGEM

O Livro-reportagem apresenta-se, sob a perspectiva de Lima (2009) como uma ferramenta de experimentação, ousando incorporar contribuições conceituais e técnica provenientes de outras áreas, como literatura e história. Em uma de suas mais precípuas funções, o livro-reportagem também complementa o papel da imprensa cotidiana [...] também porque penetra, por vezes, em temas pouco explorados pelos periódicos. (ibid, p. 49). É exatamente esse o diferencial e a justificativa de existência da grande reportagem: a profundidade a que se propõe.

Na etapa constitutiva desse produto jornalístico, define-se, tendo em vista as temáticas suscitadas durante o processo de pesquisa e entrevistas, a estrutura do livro-reportagem. Mais do que uma simples organização de ideias, trata-se de uma *seleção* delas. Como se passa no dia-a-dia do jornalismo, é preciso obedecer alguns critérios de noticiabilidade, dentro do que se configura a grande reportagem, visto que nenhuma abordagem é absolutamente completa. Os recortes são necessários, embora sejam menos bruscos e menos dolorosos que o que se espera de uma factualidade.

Após a aquisição de todo o material, por meio da aplicação dos instrumentos de coleta e das entrevistas, ele foi organizado de forma a obedecer a critérios cognitivos e lógicos para o leitor. Palavra-chave fundamental para a elaboração da grande reportagem: informação. E todas elas precisam seguir as regras de apuração do jornalismo, reportando a realidade sob a ótica jornalística, e convergindo com a literatura somente em termos textuais e estilísticos. Ademais, as inferências e o posicionamento tornam-se mais evidentes em se tratando da grande reportagem.

## CONSIDERAÇÕES

Os questionamentos primeiros, em termos de escolhas, gêneros e linguagem jornalística foram basilares para as proposições. Partiu-se de uma apresentação do

Literário e da Grande Reportagem, o que se trouxe a partir das leituras de teorias e problemáticas levantadas por autoridades em cada uma dessas áreas.

O uso do livro-reportagem deve ser experimentado como uma abordagem teórica para preencher uma lacuna deixada tanto do Jornalismo Cultural, em termos de linguagem, quanto nas questões de pauta no jornalismo local, em termos de seleção de uns temas em detrimento de outros ou mesmo pelo caráter comercial do jornalismo da atualidade.

Não há, efetivamente, os segundos cadernos no jornalismo local, significando uma lacuna em todas as etapas do fazer, desde a pauta até a elaboração do jornal. Os mais prejudicados nesse processo são os artistas, são os produtores e os produtos da cultura, iminentes e necessitados de evidência.

Por outro lado, esse mesmo jornalismo permanece engessado nos modos de produção industrial, no *dead line* nosso de cada dia. Não se aprofundam os temas, talvez para evitar os riscos ou aumentar a lucratividade da empresa: notícias rápidas, muitas notícias, poucos jornalistas, mais lucro... Essa é a ideia.

Assim, pretendeu-se demonstrar apenas um dos múltiplos modelos de abordagem de que o jornalismo dispõe para divulgar as transformações sociais pulsantes, latentes e irremediáveis, visto que podem ser elas próprias o remédio.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura e convergência**. São Paulo: Ática, 2007. .

CHAPARRO, Manuel Carlos, 2000. **Pragmática do Jornalismo**/Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus editorial.

CHATEAUBRIAND, Assis. **Semana de 22: antecedentes e conseqüências**. São Paulo, Exposição comemorativa do cinquentenário: 1972.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 6 ed. 6 São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira, 1993 **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense.



...ro-reportagem como extensão do jornalismo e da

MELLO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros** opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 240 p.; 21 cm.

MORAIS, Gabriela Weber de ó **Reportagem e Livro-Reportagem no Brasil**. Artigo Publicado em 27 de abril de 2004.

PENA, Felipe ó **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

----- **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel ó **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção Comunicação).

RUDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a Crítica à Indústria Cultural** ó Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade. Revista e Atualizada. ó Porto Alegre, 2004.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é Jornalismo Cultural. **RUMOS - Mapeamento: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação**. ó São Paulo: Itáu Cultura, 2008.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. LabCom Books, 2009. ISBN: 978-989-654-028-9. Depósito Legal: 302233/09 ([www.livroslabcom.ubi.pt](http://www.livroslabcom.ubi.pt)).

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.